



# MIGRAÇÕES EM TRAJETÓRIA ENTRE ESTUDANTES AFRICANOS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO CONTEXTO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

MANUELA VIEIRA BLANC\*, BARBARA VITOR DE AQUINO\*\*, RENAN LUBANCO ASSIS\*\*\* E  
VIVIANE MOZINE RODRIGUES \*\*\*\*

**Resumo:** O presente estudo objetiva uma reflexão acerca dos fluxos imigratórios presentes na Grande Vitória e busca articular como a inserção no ensino superior atravessa ou é atravessada por essa condição, tal como, busca elucidar através de dois interlocutores, como as condições migratórias preexistentes podem refletir na significação do processo migratório, e nos modos de experimentar a nova realidade.

**Palavras-chave:** Imigração. Ensino-superior. Sociabilização.

The present study objectives a reflection about immigrational flux present in the *Grande Vitória* and seeks to articulate how the insertion in the college education passes through or gets passed through this condition, such as, seek to elucidate by two interlocutors, how preexistent migratory conditions can reflect on the meaning of the migratory process, and on the modes to experience the new reality.

**Keywords:** Immigration. College education. Socialization.

\* Doutora em Sociologia Política (UENF), com estágio sanduíche na Université Paris X – Nanterre La Defense. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Diretório do CNPq Cidades, Espaços Públicos e Periferias e Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha UVV-ES. Email: manu\_uenf@yahoo.com.br

\*\* Bacharel em Psicologia e atualmente mestranda em Sociologia Política na Universidade Vila Velha.

\*\*\* Doutor em Sociologia Política (UENF) e membro do Grupo de Pesquisa Diretório do CNPq Cidades, Espaços Públicos e Periferias e Gerente de Pesquisa da Universidade Vila Velha UVV-ES. Email: renanlubanco@gmail.com

\*\*\*\* Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP), com estágio sanduíche na Universidade de Lisboa. Coordenadora do NUARES- Núcleo de apoio aos refugiados do Espírito Santo e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (ACNUR). Professora do Programa de pós-graduação em Sociologia Política e do Programa de pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Vila Velha UVV-ES. Email: vmozine@uvv.br

## INTRODUÇÃO

A formação do Estado do Espírito Santo é marcada por fluxos migratórios de grupos provenientes de diferentes origens e ocorridos em diferentes momentos históricos, que incidiram diretamente sobre a construção da sua identidade regional. As representações vigentes sobre esse *ser capixaba* refletem processos transcorridos a nível nacional, por mais que apresentem efeitos locais particulares. Mais recentemente, a presença de estudantes imigrantes nas universidades capixabas tem se destacado sensivelmente, sobretudo entre jovens de origem africana, mais uma vez em consonância com movimentos migratórios observados em outras regiões do Brasil.

Fonseca (2009) avaliou os efeitos do convênio assinado, no ano de 2004, entre a Unesp (Vunesp) e a Fundação Eduardo dos Santos (FESA), primeira e, até então, única experiência de um processo seletivo vinculado a uma universidade brasileira, porém realizado em outro país, a fim de captar estudantes estrangeiros. Deste modo, o autor analisou as trajetórias de estudantes migrantes provenientes da Angola e instalados na cidade de São Paulo, seus percursos acadêmicos, seus imaginários e os conflitos vivenciados. Subuhana (2007) acompanhou em sua tese de doutorado os percursos de 30 estudantes moçambicanos, na época instalados na cidade do Rio de Janeiro, imigrantes temporários cujos estudos eram financiados por seus próprios pais e parentes, por organizações não governamentais (ONGs), pelo Governo de Moçambique (via ministérios) ou pelo Governo Brasileiro (CAPES/MEC, CNPQ e Itamaraty).

Este artigo objetiva articular algumas das questões levantadas por esses autores com as trajetórias dos interlocutores de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre imigrantes africanos lusófonos instalados no Estado do Espírito Santo. Os dados aqui analisados foram coletados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com dois imigrantes atualmente residentes na Grande Vitória. Ambos os entrevistados são de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), sendo um de Guiné Bissau e o outro da Angola. Atualmente, moram em uma mesma região na cidade de Vila Velha. Através da análise das condições materiais e imateriais de migração experimentadas por dois dos nossos interlocutores, esperamos contribuir com reflexões em torno do ingresso de refugiados no ensino superior no Brasil.

## O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO SUPERIOR

A imigração é um processo de entrada de pessoas de outra nacionalidade em um país. Dito desta forma, a imigração parece um fenômeno simples, mas ele é complexo e multifacetado. Envolve mudanças na sociedade de origem e de destino. Dentro do conjunto das migrações, ainda aparecem outras definições, como a migração econômica – entendida aqui como uma migração voluntária em que o sujeito busca melhores condições de vida. E há aquela migração forçada, dentro ou fora do próprio país, quando essa migração forçada ocorre dentro do próprio país a chamamos de deslocamento interno e quando este atravessa a fronteira nacional, por motivos de perseguição (religiosa, política etc.) ele é um refugiado.

De acordo com a Convenção de 1951 (ACNUR, 2018a), a definição de refugiado:

[...] receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude do dito receio, não queira pedir a proteção daquele país [...]

De acordo com Hayden (2006) apud Rodrigues (2015) é difícil definir uma categoria de refugiado que satisfatoriamente englobe, em harmonia, ética, teoria e o mundo real. Segundo a autora, termos (definições) legais, éticas, e demais noções advindas das ciências sociais não se alinham. O termo refugiado é em geral utilizado para categorizar pessoas em relação com o espaço (pessoas em movimento) e com direitos (humanos, políticos, sociais). A categoria é embasada no indivíduo, e os esforços são de distinguir as motivações para as mudanças. O termo refugiado se torna evidente em seu contraste com o termo “migrante econômico”, e para tal um grupo de dicotomias é elencado: voluntário/involuntário; razão econômica/razão política;

sociedade de origem não violenta/sociedade de origem violenta. Para Didier Bertrand (1998) apud Rodrigues (2015), o refúgio é um status enraizado na dialética entre indivíduo e estado. Alguns migrantes são refugiados e alguns refugiados são migrantes, seus perfis se misturam e evoluem com o tempo.

Entre os nossos interlocutores de pesquisa, a experiência imigratória se apresentou como uma ampliação das oportunidades de acesso à universidade, o idioma foi um dos fatores atrativos principais na escolha pelo Brasil e o processo de adaptação envolveu a formação de uma rede de apoio entre conterrâneos, mas também o estabelecimento novas relações, entre brasileiros. Neste artigo pretendemos apresentar as reflexões iniciais sobre os dados obtidos, refletir sobre a relação entre a experiência migratória e a experiência estudantil dos nossos interlocutores, e como estas se conjugam na construção das condições de adaptação, criação de novas redes e acesso ao novo espaço, a Grande Vitória, no Estado do Espírito Santo.

No Brasil, através da lei 9.474/97 (BRASIL, 2018), refugiados e solicitantes de refúgio têm acesso à Educação. O ACNUR – Alto Comissariado da ONU para Refugiados –, através da CSVM – Cátedra Sérgio Vieira de Mello – estimula a participação das Universidades com o objetivo de promover a educação nos seus 3 eixos: ensino, pesquisa e extensão acadêmica voltada à população refugiada.

A Universidade Vila Velha (UVV), instituição na qual estão matriculados ambos nossos interlocutores de pesquisa, é uma das 20 instituições<sup>1</sup> que possui a Cátedra Sérgio Vieira de Mello até o primeiro semestre de 2018. Mas nem todas essas instituições facilitam o ingresso de refugiados no ensino superior ou validam/reconhecem diplomas de estudantes formados em instituições de ensino superior estrangeiras.

De acordo com o ACNUR (2018b), são 11 as Universidades com procedimentos de entrada facilitados para refugiados:

**1) Universidade de Brasília (UnB)**

A universidade tem um programa especial que permite que refugiados se inscrevam como estudantes regulares. A pessoa deve ser refugiada reconhecida pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) para ser elegível. Nenhum candidato que tenha concluído o Ensino Médio no Brasil será aceito. A Universidade preenche todos as vagas decorrentes do desligamento e transferência de estudantes para outras instituições e as vagas não preenchidas pelo vestibular. Os refugiados admitidos como estudantes têm os mesmos direitos e deveres que os outros alunos da UnB.

**2) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

A universidade oferece vagas específicas para refugiados. A inscrição é restrita àqueles que completaram o Ensino Médio em seu país de origem em até dois anos antes de terem seu status de refugiado reconhecido pelo CONARE (Comitê Nacional Brasileiro para os Refugiados) ou àqueles que completaram o Ensino Médio no Brasil em até dois anos após o reconhecimento do status de refugiado pelo CONARE.

**3) Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)**

A universidade oferece vagas específicas para refugiados em vários cursos. O processo seletivo para ingresso acontece geralmente no mês de janeiro.

**4) Universidade Federal do Paraná (UFPR)**

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) tem um projeto para incentivar a entrada de refugiados na Universidade. Os estudantes que tiveram seus estudos interrompidos em seu país de origem podem candidatar-se na UFPR para continuá-los. Além disso, se você precisar de ajuda financeira, pode candidatar-se a bolsas de estudo que oferecem assistência para moradia, transporte e alimentação.

**5) Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)**

A Resolução 041/2016 estabelece o acesso de migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade à educação técnica e superior. Todos os anos, a universidade publica um edital específico para refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade.

**6) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

A universidade, através da Pró-Reitoria de Graduação e da Coordenadoria de Acompanhamento do programa de Ações Afirmativas, abriu pela primeira vez uma seleção especial em novembro de 2017. Foram oferecidas 32 vagas para pessoas em situação de refúgio em 19 cursos de graduação, com ingresso no primeiro semestre de 2018.

**7) Bolsa San Tiago Dantas (UNESP – UNICAMP – PUC)**

O Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, da UNESP (Universidade Estadual Paulista), UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) abriu, pela primeira vez, inscrições para a seleção de candidatos refugiados ao programa de integração de refugiados aos cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado em Relações Internacionais, durante o mês de janeiro de 2018.

**8) Universidade Católica de Santos (UNISANTOS)**

A universidade oferece bolsas de estudo a refugiados, o que cobre todas as mensalidades e/ou taxas universitárias para esses estudantes. Em regra, o edital para bolsas de estudo é publicado em janeiro de cada ano no site da universidade.

**9) Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**

A universidade apresenta abertura de vagas para refugiados e refugiadas desde 1980, a partir de formulário de solicitação de vaga na Diretoria Acadêmica. É obrigatório ter o status de refugiado já reconhecido e válido pelo CONARE (Comitê Nacional Brasileiro para os Refugiados) no momento de solicitação de vaga em um dos cursos de graduação ou pós-graduação. É necessário ter o Ensino Médio Completo e sua documentação para graduação e Ensino Superior completo e sua documentação para solicitações em programas de pós-graduação. Comissões internas avaliam as referidas solicitações de vaga.

**10) Universidade Federal do ABC (UFABC)**

Em janeiro de 2018, a UFABC ofereceu 12 vagas para refugiados e solicitantes de refúgio através do Sisu, o Sistema de Seleção Unificada. As vagas eram para a graduação em duas áreas: Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BC&T) e Bacharelado em Ciências e Humanidades (BC&H), divididas entre os Campi de Santo André e São Bernardo. Pode fazer a inscrição no Sisu o estudante que participou do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) do ano anterior. A nota mínima no Enem exigida pela UFABC é de 450 pontos em cada área de conhecimento e 500 na redação.

**11) Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)**

A Universidade tem uma vaga reservada para refugiados em cada um de seus cursos de graduação. São, no total, 64 cursos nos campi de São Carlos (distante 235 km da capital), Araras (cidade a 170 km da capital), Sorocaba (cidade a 102 km de São Paulo), Buri (cidade a 266 km da capital) e Lagoa do Sino (240 km da capital).

Apesar dos nossos interlocutores de pesquisa apresentarem outras trajetórias, que não a de refugiados, as especificidades dos caminhos percorridos, e que levaram ambos para a graduação, são demonstrativas dos efeitos positivos que o apoio de convênios, acordos internacionais e políticas de acolhimento podem trazer para a adaptação ao contexto de moradia, seja ele percebido como temporário ou não. Nesses casos, a universidade exerce um papel fundamental, funcionando como instituição mediadora de novos acessos e redes de relações,

para além dos grupos de migrantes, em um caso, e como atrativo, porta de entrada e principal vínculo (mesmo que institucional) com o novo (mesmo que temporário) espaço de moradia.

### **UMA “(UNIVER)CIDADE” PARA CHAMAR DE MINHA(?)**

O Brasil apareceu como alternativa para Vagner<sup>2</sup> diante da instável situação econômica e política vivenciada em seu país de origem e da necessidade de alterar os seus planos iniciais de rumar para Portugal, ao encontro de um dos seus irmãos. Oriundo de Guiné-Bissau, Vagner é apenas um dos filhos de uma família extensa a buscar melhores condições de vida em outro país.

Observamos que o acesso à educação é um problema crítico em Guiné-Bissau, reflexo ainda da política colonial portuguesa. Os esforços para a implantação de uma instituição de ensino superior em Guiné-Bissau remontam à década de 80, mas o projeto só foi concretizado em 1999, com a criação da primeira universidade guineense, em parceria com a Universidade Lusófona, instituição privada com a sede em Lisboa. Segundo Ministério da Educação, em recenseamento realizado entre os anos de 2007 e 2008, as instituições do ensino superior locais compreendiam 11 estabelecimentos, dos quais 05 Universidades, permitindo uma taxa de acesso ao ensino superior de apenas 4,8%, 351 estudantes para cada 100.000 habitantes (SUCUMA, 2013).

Entre aqueles que tiveram acesso ao ensino superior, o irmão mais velho de Vagner conseguiu acessar uma bolsa de estudos em Portugal através do intermédio da sua vinculação religiosa, outros dois dos seus irmãos teriam sido beneficiados por uma política pública de atendimento aos filhos de vítimas de presos políticos e puderam cursar economia em Cuba, onde ainda moravam quando conversamos. Além destes, ao menos outros dois moravam na Espanha, de onde enviavam fundos para a compra de veículos de carga que o próprio Vagner, ainda em Guiné, utilizava para trabalho.

Vagner possuía 29 anos e cursava o último período do curso de Graduação em Relações Internacionais, pela Universidade Vila Velha (Vila Velha – ES), no momento de nossa entrevista. Desde sua chegada ao Brasil, o rapaz já havia trabalhado na construção civil, em restaurantes e em uma loja de entrega de água mineral e gás. As atividades laborais realizadas em seu país de origem e no Brasil não mostram continuidade direta, mas seguem uma regularidade dada por postos que exigem baixa qualificação, mesmo após a conclusão do ensino superior. No momento de conclusão deste artigo, o rapaz, já formado, atuava como auxiliar de inspeção em um supermercado local.

O Brasil não fora a sua primeira opção, sequer a cidade de Vila Velha. Diante das dificuldades em se manter em São Paulo, da carência de oportunidades e dos altos custos para a realização do curso de graduação na capital paulista, o rapaz, por incentivo de novos colegas, rumou para o Espírito Santo.

Marcos, de 21 anos, é proveniente da cidade de Luanda, em Angola, e era estudante de Engenharia de Petróleo, na Universidade Vila Velha, quando foi entrevistado. Primogênito, morava com sua mãe, avó e três irmãos maternos antes de vir para o Brasil. A trajetória do rapaz se diferencia da de Vagner em muitos aspectos, que vão desde as condições de sobrevivência experimentadas em seu país de origem, até suas condições de permanência no Brasil. Sua fala revela o desejo de graduar-se fora de Angola como uma meta pessoal, quase um capricho:

Eu não sei por que, não me pergunta por que também eu não sei. [Riso]. Talvez era isso mesmo, tipo que eu tinha que ta pra pensar pra poder tar estudando aqui fora, em um outro país, não sei. Mas assim, eu nunca me vi estudando lá. (Marcos, 21 anos).

Faria (2009), em sua pesquisa entre estudantes angolanos em IESs portuguesas, destaca os sentidos atribuídos a esta experiência, destacando aspectos simbólicos, afetivos, culturais e econômicos que envolvem a decisão de estudar fora do país, bem como a escolha de Portugal como destino. A autora demonstra ainda como, desde a década de 70, esses fluxos migratórios vêm contando com acordos de cooperação realizados entre a Angola e diferentes países.

Marcos, especificamente durante seu último ano escolar, deparou-se com um programa de bolsas de uma empresa de ramo petrolífero, a Sonangol. Além de uma bateria de testes e entrevistas, os candidatos ainda foram submetidos a uma prova e então selecionados para uma das IES conveniadas. O rapaz veio para o Brasil em 2013, junto com outros 23 estudantes, sem jamais ter saído do seu Estado natal. A escolha do país, Estado ou IES de destino não foi dos alunos, e sim da empresa petrolífera. Quando questionado sobre sua reação ao descobrir que viria para o Brasil (dentre tantas possibilidades), ele respondeu: “eu já sabia inglês, se eu fosse pra um estado que falasse inglês, eu tava bem [...], mas o fato também em ter vindo aqui pro Brasil me deu assim, não um descontentamento, mas...”.

Diante de todas as idas e vindas experimentadas por Vagner, entre duas cidades, duas instituições de ensino superior e dois cursos, mais a entrada no mercado de trabalho para custear a sua permanência no Brasil, a trajetória de Marcos é consideravelmente mais suave, vantagem de um processo migratório mediado por um convênio estudantil e que prevê ainda um emprego futuro, no país de origem. As nada sutis diferenças entre um processo migratório mediado por um convênio e apoiado por uma bolsa estudantil e o outro, pautado na iniciativa individual e que contou com um suporte familiar instável, refletem diretamente sobre as percepções dos rapazes quanto ao novo local de moradia, suas expectativas e processo de adaptação.

Marcos reside sozinho no bairro de Itapõa, em Vila Velha. A maioria dos bolsistas pela Sonangol moravam sozinhos ou em grupos em apartamentos alugados e mantidos pela empresa, segundo o rapaz. Vagner se estabeleceu no bairro de Cocal, em Vila Velha, junto de outras 25 pessoas, homens e mulheres, todos guineenses, e lá viveu, em regime de coabitação, até que se casou.

Quando questionado sobre alguma possível surpresa que a Grande Vitória o causou, Marcos relatou que, em termos de infraestrutura, aqui perderia para a capital de seu país. Segundo ele, isso acontece porque aqui tem muitos prédios, “uma selva de prédios” como o próprio diz; e que lá existe uma mistura maior, entre prédios e casas. Ele destaca que algumas casas lá têm “formato de palácio”, diz, destacando a simplicidade das moradias da capital do estado do Espírito Santo, do seu ponto de vista.

Bastante crítico com relação ao novo espaço de moradia, Marcos destaca como diferença relevante entre Luanda e Vitória o clima:

Clima. Esse clima [nublado] não é de costume no meu país. Não é de costume ficar uma semana assim cinza. Quando eu cheguei tinha muita chuva, aí eu pensei que era só chuva. E eu não entendi esse clima, ora era sol, ora era chuva. Não é comum, foi o que mais me tocou.

Muito pouco impressionado com a cidade brasileira, o rapaz critica a falta de opções de lazer e a baixa identificação com o estilo de vida e estética locais: “Porque temos um estilo, uma forma como a gente se veste, meio americano, europeu, é o que a gente usa mais em Angola, mistura mesmo com algumas roupas nossas mesmo. E aqui... aqui sinceramente foi muito triste”. Vagner, contrariamente e de forma bem humorada, relata que não teve dificuldades de adaptação: “Não, não foi complicado. A única coisa que eu fiquei cansado foram as 15 horas de ônibus [entre São Paulo e Vila Velha], de resto, não foi nada complicado para mim”. Se para Marcos os capixabas são muito fechados, Vagner se casou com uma delas. Entendemos que esses diferentes modos de lidar com o novo e com a diferença são um reflexo dos sentidos atribuídos às experiências migratórias, no interior dessas trajetórias. O que podemos observar são condições contrastantes, marcadas por diferentes tipos de dificuldades e tipos de expectativas direcionadas a esta experiência, que tem a ver, igualmente, com as condições de vida que lhe são anteriores.

A expectativa do guineense era ir para São Paulo, se formar e depois voltar. Mas não para a Guiné, e sim para outra “parte”, imigrar de forma definitiva. O rapaz percebe seu país de origem como um lugar perigoso e, mesmo que esse perigo não coloque em risco especificamente a vida dele (o que o tornaria um beneficiário em potencial da política de refúgio), impacta sobre a vida das pessoas em geral: “Não dava para pensar em voltar. [...] Sempre tem aqueles rastros, aquele

ódio e vingança [em referência a Guerra Civil de Guiné Bissau 1998] até hoje, e que também teve uma guerra de onze meses, então qualquer hora podia estourar alguma coisa”.

Fonseca (2009) destaca, em seus estudos com imigrantes angolanos, como alguns de seus interlocutores acabam por hesitar em retornar ao país de origem e buscam instalar-se definitivamente no Brasil ou ao menos adiar o retorno e ingressar em uma pós-graduação. O mesmo fora observado por Blanc (2015) entre estudantes brasileiros que migram regionalmente para a realização da graduação e que optam por prolongar a permanência naquele que seria o contexto de habitação temporário, dadas as oportunidades para o prolongamento dos estudos e mesmo de melhores condições de inserção no mercado de trabalho. Mas os casos aqui analisados são muito peculiares, dadas as condições de migração e as expectativas de ambos os rapazes.

A bolsa recebida por Marcos prevê que, em contrapartida aos benefícios recebidos, ele retorne ao seu país de origem e trabalhe na empresa que custeia seus estudos. Ou que se disponha a atuar profissionalmente no local designado pela empresa, por tempo determinado. Já Vagner saiu de um país marcado pela instabilidade política e econômica e viu na imigração uma oportunidade não apenas para a inserção no ensino superior, como também para uma melhor qualidade de vida, envolvendo a mudança definitiva para outro país. Ele percebia a sua condição no Brasil como temporária, inicialmente, mas porque pretendia rumar para Portugal assim que concluísse seus estudos. Se crise econômica o fez adiar esses planos, o casamento o faz pensar em Vila Velha como seu destino final.

#### **“DE ONDE VIM E PARA AONDE VOU”: LAÇOS, EXPECTATIVAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS**

As redes de relações de Vagner, ainda em Guiné, se estendiam ao Brasil, mesmo antes de sua vinda. Ainda, as dimensões continentais do novo país de moradia o surpreenderam, pois, apesar de “próximos”, esses conhecidos estavam distantes demais para um convívio profícuo:

Cheguei em São Paulo e não achei ninguém, só o cara que me recebeu. Eu ficava a semana toda sem ninguém, não sabia nada. Até que eu *comprava* a passagem para voltar, e falavam que eu ia me acostumar que isso ia passar, mas não foi fácil. (Vagner, 29 anos)

Ainda assim, fazer amizades não foi um problema. Quando perguntamos quem são seus amigos aqui, ele lista nome e sobrenome das pessoas que segundo ele “começaram desde o início até a faculdade”. São seus colegas de graduação. Já quanto aos contatos extramuros, ele diz que são muitos: “É muita gente”. Sua esposa também faz parte dessa rede formada no Brasil; é capixaba e conheceram-se no trabalho. Deste modo, o trabalho e a igreja foram os espaços de encontro e aproximação com a futura esposa.

O rapaz ainda mantém um vínculo estreito com a família em Guiné: “Gasto muito dinheiro falando lá. Somos muito apegados. Ligo pro meu pai, meus irmãos, minha filha. Mas colegas, só pelo Facebook”. A qualidade da Internet no seu país de origem seria outro limitador. Ao invés de querer ir embora, Vagner hoje anseia trazer sua filha mais velha para morar no Brasil.

Marcos não vivencia as mesmas dificuldades, mantém um grupo no WhatsApp com a família e com colegas do ensino médio. Também me contou que utiliza aplicativos como o Viber e outras ferramentas de comunicação.

Os diferentes níveis de acesso à tecnologia experimentados por ambos os jovens, no Brasil, e, sobretudo, por suas famílias, em seus países de origem, afetam diretamente a qualidade do contato mantido entre eles. Mas a maior facilidade ou dificuldade não se traduziu nesses casos em diferenças significativas em termos de manutenção do contato. O que esses relatos sugerem é que, diante da qualidade de acesso à internet e à dispositivos de comunicação mais modernos, o contato com a família em Guiné-Bissau representa custos muitos mais altos para Vagner do que aqueles gastos por Marcos para se comunicar com os parentes e amigos na Angola. Essa diferença de custos se traduz em termos da frequência: enquanto, por WhatsApp, Marcos se mantém em contato em tempo real, por telefone, Vagner faz contato semanalmente. Enquanto a

Internet permite uma comunicação gratuita entre o primeiro e a sua família, o telefone pesa no orçamento do segundo. De diferentes modos, as condições socioeconômicas de ambos, pensadas não em termos das suas rendas individuais, mas da condição de vida estabelecida no país de destino, bem como na condição das suas famílias em seu país de origem, e até a infraestrutura disponível em cada um desses lugares, impactam as suas experiências migratórias, sua relação com o novo espaço de moradia (temporária ou não) e suas perspectivas futuras.

Assim também se diferenciam as suas experiências no que se refere à construção de novas redes de relação, no atual local de moradia.

Em Vila Velha, as atividades de lazer de Vagner se distribuem entre a igreja, o convívio com a nova família e as atividades coletivamente organizadas com um grupo de imigrantes africanos instalados na cidade e alguns brasileiros próximos: “Aqui a gente gosta de fazer churrasco toda semana e jogar bola: Nós, e as nossas meninas vão nos aplaudir”. Guiné, Cabo Verde, Angola e Brasil formam seus times, em sua maioria compostos por colegas do bairro e da faculdade.

Marcos apresenta uma rede de relações mais limitada, quando comparada à de Vagner. Vindo para o Brasil como imigrante temporário, o rapaz carrega consigo esse sentimento de estrangeiro. Como o define Simmel (2006), compartilha dessa sensação de fixação dada pela não fixação. A condição de “temporário” é relevante na construção desta experiência, pois ressalta o pressuposto de que o sujeito retorne ao seu ponto de origem após a realização de ações determinadas, como o curso superior (TRINDADE, 1995). Desta forma, demonstra um menor interesse em criar vínculos, observável em comparativo entre nossos dois casos, ou ao menos uma menor propensão a valorizar os novos vínculos estabelecidos. Os processos distintos de migração implicam diretamente na forma com que esses interlocutores se inserem na sociedade local, bem como em suas expectativas de futuro.

No período em que a entrevista fora realizada, fazia um ano e alguns meses desde a chegada de Marcos na cidade. Seu grupo de amizade era quase todo composto pelos intercambistas que vieram com ele, embora ele mencione alguns amigos brasileiros, conhecidos na universidade. O rapaz estabelecera contato também com outras pessoas de PALOP residentes no Espírito Santo. A maioria de origem cabo-verdiana, embora, segundo ele, tenha muito guineense também, além de uma pessoa de São Tomé. Ele brinca que a maioria “se passa por angolanos”, porque “os angolanos são os mais famosos aqui no Brasil, eu acho...”, relata com jocosidade. A Universidade Federal do Espírito Santo é apontada por ele como um espaço de integração entre estudantes de origem africana, local de realização de festas e encontros entre os membros de uma comunidade de migrantes organizada no Facebook.

Geralmente a gente organiza [festas]. Por exemplo: agora vai ter a independência de Angola, em novembro. Aniversários nacionais dos países, assim, da Guiné, de Cabo Verde, São Tomé... mas é mais da Angola que dá mais gente. Eu acho que tem mais angolano aqui, não sei a quantidade. É, a gente organiza em dias assim, em aniversários nacionais. Organizamos um torneio de futebol, depois uma confraternização. É bem legal. 11 vai ser independência da Angola, a gente organizou em Vitória, mas agora a gente tá querendo trazer pra Vila Velha, até porque o pessoal daqui, os angolanos de Vila Velha são meio metidos, e eles não vão ou vão pouco. Aí eu quero dar essa proposta pra ver se eles agora vão, porque aí não vai ter desculpa. Torneio de futebol, confraternização e essas coisas aí. (Marcos, 21 anos).

É interessante pontuar, por outro lado, que o torneio de futebol por ele mencionado é o mesmo que aparece na fala de Vagner, que também se reporta, em sua entrevista, às festas comemorativas organizadas por sua rede nas datas cívicas de Guiné-Bissau, bem como as festividades da comunidade angolana das quais participa, mesmo que com menor frequência. Mas Vagner remarca a presença dos angolanos nos eventos que frequenta em Vila Velha, enquanto Marcos critica a baixa frequência dos seus conterrâneos nos eventos angolanos organizados em Vitória.

Vale avaliar como se compõem esses diferentes grupos e como se constroem suas trajetórias no novo espaço. Os dados obtidos sugerem que os grupos de pessoas mencionados são os mesmos, mas que este é um grupo heterogêneo e que há subgrupos internos cujos modos de inserção no novo espaço são diferenciados. Por outro lado, em sua fala, Vagner confere destaque à rede estabelecida através das atividades laborais já realizadas por ele no ES. Não foi possível identificar quantas dessas pessoas estão inseridas no ensino superior, mas o grupo que menciona e que é o núcleo das suas atividades de lazer é composto por ex-colegas de moradia: outros trabalhadores com os quais coabitou ao chegar ao estado e as famílias que eventualmente compuseram.

Diferentemente, Marcos se remete aos conterrâneos que são seus amigos no Brasil tendo sempre o vínculo estudantil como referência. Não parece restringir suas redes de relações a outros beneficiários da Sonangol ou aos demais imigrantes que estudam na UVV, mas, ao ampliar seu foco, menciona os colegas que estudam na UFES: a vivência universitária é um referencial forte pra ele ao caracterizar seu núcleo de sociabilidade. Sabemos que ambos jogam o mesmo campeonato de futebol e mencionam as mesmas festas patrióticas, mas é destacável como cada um caracteriza suas comunidades de imigrantes com perspectivas muito diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos até Vagner cientes da sua trajetória recalitrante. O rapaz chegara a contatar o Núcleo de apoio aos Refugiados do Espírito Santo (NUARES) para se informar quanto a um possível processo de solicitação de refúgio. Apesar do seu histórico, não apresentava as características necessárias para acessar a esse dispositivo. Em seu relato, menciona suas condições de vida no contexto de guerra em Guiné Bissau remontando situações de medo e insegurança e a preocupação com a família como um sentimento que se sobrepõe até mesmo à saudade. Em sua história recente, a realização do curso de graduação se apresentava como uma conquista em si, para além das expectativas de futuro, como uma “meta inalcançável” sendo finalmente atingida.

Marcus queria prosseguir com os estudos e uma formação no exterior se apresenta para ele como a coroação de uma trajetória escolar de sucesso, bem como mais um passo em direção a uma carreira promissora. O rapaz recebia investimento privado em resposta aos seus méritos como estudante, tinha uma perspectiva de emprego estável e ansiava por um retorno triunfal ao seu país.

A mera relação entre os históricos, as condições de migração e de acesso ao ensino superior já demonstram os efeitos das mediações institucionais para os significados conferidos ao processo de adaptação ao novo espaço de moradia, seja este percebido ou desejado como temporário ou não. Este artigo espera, em linhas gerais e ainda exploratórias, contribuir para a compreensão dos efeitos das condições de migração para a significação da experiência migratória, em termos gerais, nos permitindo pensar como a instituição de ensino superior contribui para a positivação dessas trajetórias, para os processos de adaptação ao novo contexto de moradia e mesmo para o restabelecimento das redes de relações desses migrantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). Convenção relativa ao estatuto dos refugiados (1951). Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: jun. 2018a.
- \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://help.unhcr.org/brazil/support-programmes/education/>>. Acesso em: jul. 2018b.
- BLANC, Manuela Vieira. Individualização juvenil: um estudo em trajetória entre (ex) moradores de repúblicas estudantis. *SINAIS*, Vitória, v. 2, n. 18, 2015.
- BRASIL. Lei Nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm)>. Acesso em: 1 ago. 2018.

- FARIA, Margarida Lima de. Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 45-63, jan./abr. 2009.
- FONSECA, D. J. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. *Pró-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 23- 44, jan./abr. 2009.
- RODRIGUES, Viviane Mozine. *Reassentamento e Integração Local: As Limitações Institucionais e de Políticas em Relação aos Refugiados Palestinos em São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SUBUHANA, C. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: Sociabilidade e redes sociais. *Imaginário*, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 321-355, 2007.
- SUCUMA, Arnaldo. *Estado e ensino superior na Guiné-Bissau*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- TRINDADE. M. B. R. *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Guide Artes Gráficas, 1995.

## NOTAS EXPLICATIVAS

- <sup>1</sup> São elas: 1)UVV; 2) UFPR; 3) UNISANTOS; 4) PUC-RJ; 5) PUC-SP; 6) UNB; 7) Fundação Casa Rui Barbosa; 8) UFABC; 9) UNISINOS; 10) UEPB; 11) UERJ; 12) UFGD; 13) UFRR; 14) UFSC; 15) UFSM; 16) UFSC; 17) UFES; 18) UNIFESP; 19) UFRGS e 20) UNICAMP.
- <sup>2</sup> Destacamos que todos os nomes citados foram alterados para garantir o anonimato dos nossos interlocutores de pesquisa.